

Violência na escola: reflexões na contemporaneidade

Maria Romilda Coelho Fernandes¹

Herbene Fernandes Pimenta²

Maria Yslânia de Araújo³

Dra. Aparecida Carneiro Pires⁽⁴⁾

¹Graduanda- Serviço Social-Universidade Federal de Campina Grande mariaromilda_coelho@outlook.com

²Graduanda- Pedagogia-Universidade Federal de Campina Grande herbenefpimenta@gmail.com

³Pós-Graduanda-Ciências Biológicas-Universidade Estadual do Rio Grande do Norte yslaniasjpp@hotmail.com

⁴Professora Dra. Universidade Federal de Campina Grande acpppedagoga@yahoo.com.br

RESUMO:

A violência tem se mostrado como uma realidade observada nos diversos segmentos da sociedade. O texto abrange um recorte histórico da educação, mostrando que a violência perpassa todas as esferas da sociedade e, portanto emerge também na escola. Como forma de contextualizar as diversas expressões da violência na escola, observamos aqui o estudante como ser social, passível de influenciar e de ser influenciado por grupos sociais. O ambiente escolar se insere como sendo espaço de inserção para diversos segmentos sociais e vivencia a problemática nos seus diferentes tipos: simbólica, física, incivildades chegando até a delinquência. Uma análise da história da educação revela que o tema não é novo, tem suas raízes na trajetória do processo de emancipação educacional nos seus diversos períodos. Perceber que a violência está no cotidiano escolar é elementar, já compreender as dimensões que envolvem os sujeitos na tentativa de buscar estratégias de minimizá-la constitui-se um grande desafio para a escola. O artigo trata justamente de através de um breve resgate histórico sobre a educação no Brasil, estabelecer um elo com os tipos de violência encontradas e suas stratificações nas escolas. Por fim aborda os desafios que se tem para minimizar tal problema, cabendo destacar, que para que isso ocorra é preciso trabalhar na coletividade envolvendo a família a comunidade, que trazem fatores relacionados à identidade dos sujeitos que se relacionam neste espaço e, portanto não devem ser desconsiderados ao se pensar em uma proposta de intervenção que se propõe a minimizar as causas e consequências do problema em questão.

Palavras-chave: Violência, cotidiano escolar, combate à violência.

Introdução

No presente artigo buscamos trazer uma reflexão sobre os tipos de violência que permeiam o ambiente escolar na atualidade, a partir de um recorte histórico e compreender as nuances emblemáticas que envolveram o trajeto da educação do Brasil, desde sua inserção no cenário nacional.

O Tema vem sendo veiculado através dos meios de comunicação e muitas vezes não é especificado o que está além do aparente nessas notícias, mas tão somente o que emerge a superfície dos comportamentos. Historicamente, as principais vítimas de atos violentos são as crianças, os adolescentes e os jovens, como praticantes e/ou receptores de violência. Entretanto, nas últimas décadas os demais envolvidos na escola, professores e gestores também têm sido arrolados em um ambiente de medo e incertezas, criando uma atmosfera de degradação e de pressões.

O que nos leva a discorrer sobre o tema é a pertinência de sua superação ou minimização, para que projetos e prognósticos relacionados ao desenvolvimento da educação no Brasil sejam, a contento, sequenciados. Entendemos que os apontamentos aqui refletidos mostram um eixo basilar no diálogo referencial entre o elo, comunidade, família e escola. E que tal temática, alcançando a discussão e profundidades necessárias tem uma perspectiva transformadora no cotidiano dos atores envolvidos (pais, sociedade e escola).

Os objetivos do estudo baseiam-se em compreender as diversas formas de violência ocorridas dentro do ambiente escolar e em sublinhar diretamente os desafios de combate a violência. Além de explicitar algumas formas de prevenção e superação do imbróglio, aqui apresentado.

A violência é analisada nessa pesquisa como uma prática que acompanha a humanidade desde os mais remotos recônditos da história. Entretanto, o presente estudo não vê a temática como um fator isolado, mas associado a outras práticas comportamentais que apresenta-se distintamente em cada cultura.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, cujo método de análise é o crítico dialético, por compreender que este proporciona ao pesquisador uma apreensão contextualizada da realidade em suas múltiplas determinações. O estudo traz uma abordagem

qualitativa de cunho exploratório, onde buscou-se compreender as expressões da violência de forma contextualizada e ao mesmo tempo aproximada do ambiente escolar, onde os fenômenos estudados ocorrem.

Resultados e Discussões

A história da educação no Brasil não é linear, pois, é marcada por períodos confusos com características de variados tipos de violência desde a simbólica, repressão e agressões físicas. Nesse sentido, discorreremos sobre os principais fatos referentes à educação brasileira:

Desde os primeiros reflexos de educação no Brasil, lá no período Jesuítico fica nítido que a educação ofertada era com interesses na catequização indígena, instrução com predomínio da igreja. Foi marcada pela implantação do método pedagógico do Rattio Sttudiorium¹ e era um privilégio, prioridade da elite.

Dentre os períodos de 1889 com a Proclamação da República até a República Populista de Vargas entre (1945-1964), a educação passou por avanços e retrocessos. Algumas conquistas que eram alcançadas por parte dos intelectuais da época que batalhavam em prol de uma educação que atendesse a demanda da sociedade, eram barganhadas pelas manobras políticas vigente nesses períodos e que viam na escolarização dos pobres apenas a possibilidade para lucratividade própria, através da força de trabalho “escravizada.” ARANHA (2006) nos afirma que “ Ao percorrer a historia da educação, podemos constatar que, em todas as épocas, a escola foi seletiva, um privilégio de poucos(...)”.

No entanto, pretendemos nos determos aqui ao período considerado mais violento para educação o chamado “período de chumbo” a ditadura militar. Esse período atingiu a educação integralmente pela repressão, privatização de ensino, exclusão da camada mais pobre do ensino elementar de boa qualidade, implantação do ensino profissionalizante na rede pública com uma pedagogia de fins técnicos. Fundamentada numa tecno-burocracia, que não atendia a sociedade em suas reais necessidades. As reformas no ensino universitário atingiram a classe pobre da época, pois as vagas limitadas deixava os estudantes como o excedentes das vagas ofertadas.

¹ Segundo Ghiraldelli (2006) Rattio Sttudiorium configura-se como: Conjunto de normas criadas para regulamentar os ensinamentos dos Jesuítas, baseados em experiências vivenciadas na escola romana (ordem dos estudos)

Os estudantes em forma de reivindicação protestavam ocupando universidades e com isso sofriam as agressões pelos militares que os acusavam de atividades subversivas, daí o terrorismo foi instalado nas universidades. Um marco desse período, no que tange ao abuso de autoridade foi o Ato Institucional A-5 que retirou as garantias individuais, públicas ou privadas e outorgou-as ao presidente da República. Nessa ocasião muitos professores foram aposentados por medo e outros exilados. Os que permaneceram na escola trabalhando eram observados pela linha da censura.

As opiniões não podiam ser expressadas por parte dos cidadãos, os grupos populares lutavam pela (Lei de Diretrizes e Bases) LDB, as reformas universitárias tiram as possibilidades da ascensão social dos estudantes que ficam condicionados somente ao trabalho industrial. O índice de analfabetismo no Brasil era de 33,01% segundo Romanelli (1983) representados por pessoas acima de 15 anos, sendo criado o (Movimento Brasileiro de alfabetização) MOBRAF com o objetivo de atenuar esse índice exorbitante. Porém, sem tanto êxito.

Efetivamente, vemos que a educação foi submetida a uma violência durante todo o processo histórico. Sobretudo, pelo dualismo escolar, que separa a escola por classes. Aranha (2006) esclarece: “sabemos que, na sociedade dividida em classes, a posse dos instrumentos de sistematização do saber não se dá de maneira homogênea, mas excludente, privilegiando alguns poucos. Portanto, se a escola não permite o acesso a esses instrumentos, os trabalhadores ficam bloqueados e impedidos de ascenderem ao nível da elaboração do saber, embora continuem, pela atividade prática real, a contribuir para a produção do saber” (p.343).

Nesse sentido, a escola que deveria ser um ambiente de promoção do saber sistematizado para todos, na sua máxima de “ensinar tudo a todos”. A escola torna-se um ambiente que reproduz e dissemina as desigualdades. Sendo refletido este cenário na atualidade, percebemos esse tipo de violência sem agressões físicas, que não deixam marcas no corpo e posteriormente possam desaparecer, mas, causam sim, cicatrizes internalizadas que oprimem os estudantes e condicionam a permanecerem em posição de subserviência pela representação social na escola. E essas cicatrizes são imperceptíveis externamente falando, mas de danos algumas vezes irreparáveis, representando assim, um tipo de violência simbólica (BOURDIEU, 1975).

Expressões da Violência nas Escolas

A violência tem se evidenciado no ambiente escolar, ao longo da história da humanidade e nas últimas décadas o tema tem ganhado traços mais graves desdobrando-se em proporções preocupantes para as autoridades e população brasileira como um todo. A problemática constitui-se um desafio constante para a sociedade. O imbróglio nos leva a refletir sobre os tipos de violência vivenciados no ambiente escolar e algumas formas de prevenção e superação desse desafio.

A falta de diálogo entre pais, comunidade e escola têm corroborado com o distanciamento dessas instituições que são, por sua vez, promotoras basilares da inserção do indivíduo na sociedade e do reconhecimento do mesmo como participante dos grupos sociais. Associado a isso vemos a contribuição midiática na base de informação das crianças, adolescentes e jovens que muitas vezes, sofrem por parte daqueles que estão no seu entorno algum tipo de violência, física, sexual, psicológica etc., interfere diretamente no processo de construção e autoconfiança do indivíduo ou na capacidade de estabelecer relações interpessoais (GARBARINO; GUTTMAN; SEELEY, 1986).

Atinente a isso Abramovay (2002) afirma que, a definição de violência não é algo consensual entre os autores relacionados ao tema, tendo em vista que é caracterizado e conceituado de acordo com o espaço em que a escola está inserida, do ponto de vista dos atores envolvidos e está relacionada a fatores socioeconômicos e a cultura. Entretanto, mesmo sem um conceito definido é fato que a violência desenvolvida em qualquer dessas variantes compromete o processo de aprendizagem e socialização do estudante, tornando seu rendimento escolar muito além do estabelecido.

A violência promovida nas escolas públicas ou privadas atinge a todos os envolvidos, estudantes, professores, pais e a comunidade como um todo. Ela abrange primeiramente aos conviventes no ambiente escolar, extrapolando os muros da escola e chegando a relacionar toda a sociedade. A temática não deve ser analisada como um fenômeno social isolado, mas está relacionada a um contexto social mais amplo que atinge tanto a integridade física e moral como também psíquica dos que estão inseridos no ambiente escolar.

Na contemporaneidade vemos na mídia ou em depoimentos presenciais a evidência de acontecimentos que denunciam o desafio que as diversas formas de violência. São discussões entre estudantes e professores, brigas entre estudantes envolvendo agressões físicas e

psíquicas, ameaças, destruição do ambiente escolar, entre outras formas e manifestações do fenômeno.

Os conflitos, no ambiente escolar surgem de maneira violenta e traz proporções preocupantes à sociedade. O uso e o tráfico de drogas, o fácil acesso a armas de fogo e/ou armas brancas dentro das escolas geram uma grande insegurança nos pais, nos professores e gestores da educação.

Muitos estudos atuais mostram que, a problemática da violência na escola tem sua estrutura basilar relacionada a questões estruturais envolvendo a miséria e a fome, expressadas em uma de suas principais facetas, a pauperização (CARDIA, 1997; Lucinda et al., 1999). Os sujeitos passam a ver na instigação da violência uma oportunidade de desafiar as normas exigidas no convívio social. Para Cardia (1997) a violência seja vivida ou expressada tem impactos direto ou indireto no cotidiano dos indivíduos.

A falta de auto-estima, as dificuldades de socializar-se corroboradas a uma compilação de fatores estruturais, a orientação voltada para a violência, são fatores que confluem a dinâmica da violência. Para Assis et al (2004) A representação social que o individuo tem de si próprio na adolescência está associada ao sentido atribuído a experiência de violência no universo no qual está envolvido.

Nesse contexto, a violência na escola ganha tamanha proporção e chega a ser analisada numa dimensão infrapolítica, ou seja está intrinsecamente relacionada ao momento atual da realidade brasileira, sendo ao mesmo tempo causa e efeito da conjuntura. Decorre de inúmeros fatores, principalmente dos econômicos, culturais e políticos que interagem entre si.

Para Minayo (1990) a violência pode ser compreendida de diversas formas. A autora destaca três, de forma especial:

A violência *estrutural*, como aquela que nasce no próprio sistema social, criando as desigualdades e suas consequências, como a fome, o desemprego, e todos os problemas sociais com que convive a classe trabalhadora. Estão aí incluídas as discriminações de raça, sexo e idade. Cuidadosamente velada, a violência estrutural não costuma ser nomeada, mas é vista antes como algo natural, a-histórico, como a própria ordem das coisas e disposições das pessoas na sociedade. b) a violência *revolucionária* ou de *resistência*, como aquela que expressa o grito das classes e grupos discriminados, geralmente de forma organizada, criando a consciência da transformação. Do ponto de vista dos dominantes, as formas de resistência e denúncia são vistas como insubordinação, desordem, irracionalidade e disfunção. O debate sobre a legitimidade ou não da violência revolucionária tem atravessado a filosofia da história. c) a *delinquência* seria uma terceira forma de violência presente em nossa sociedade. Compreende roubos, furtos, sadismos, sequestros, pilhagens, tiroteios entre *gangs*, delitos sob o efeito do álcool, drogas etc. (p. 290).

Nesse sentido, a violência denominada por Minayo como sendo estrutural, atinge a escola com uma influência externa fazendo com que o indivíduo traga para o ambiente escolar suas frustrações e dificuldades, travestindo-se de facetas que expressam dominação ou subserviência a outros sujeitos. A violência enquanto atitude de protesto e resistência, tende a emergir no ambiente escolar como uma apropriação de espaço, e definição de reconhecimento dos sujeitos como participes de classes sociais definidas. A autora apresenta esse tipo de atitude como transformadora e, portanto, capaz de sensibilizar os indivíduos. Alvo de discussões no âmbito, político, econômico e social. A delinquência perpassa todas as expressões da violência, sendo gerada e geradora de novas formas de comportamentos, tidos na sociedade como anômicos ou prejudiciais aos direitos do outro.

Para Abramovay et. al.(1999) são vários os fatores que influenciam jovens a prática da violência dentro da escola, dentre eles elenca alguns que considera mais relevantes: a desigualdade social e racial, o *bullying*, a influência de grupos sociais que trazem referências de valores e crenças ao indivíduo, uso de drogas, uso de armas, uso de bebidas alcoólicas, carências afetivas e causas socioeconômicas e culturais.

Para Oliveira (2001) a violência que dantes era tratada como uma questão puramente disciplinar, agora passa a ser tratada de maneira mais ampla e aprofundada sob o prisma da globalização. Atendendo um viés segregatório e de exclusão social. A sociedade disciplinar dá lugar a uma sociedade de controle. Os indivíduos não mais são disciplinados em estruturas fechadas, mas são controlados a partir ideologias.

Os Desafios de Combate à Violência no Ambiente Escolar

Uma análise histórica mostra que a violência faz parte das relações interpessoais e da constituição humana, já que é influenciada por fatores relacionados à falta de atendimento as garantias básicas estabelecidas pela constituição Federal: educação, moradia, saúde, entre outros que envolvem o cidadão e a cidadania. A temática tem se mostrado como alvo de discussões no cotidiano das pessoas ocupando espaço de relevância nas diversas esferas sociais. Isso porque, entender os fatores causais bem como as suas consequências se faz necessário quando se pretende propor ações que pretendam minimizar o problema. (BRANDETE; ARAÚJO, 2015)

Nesse contexto, a escola apesar de ser um espaço de formação baseados nos preceitos da ética e da humanização, de elaboração e construção de diversos saberes tem se mostrado um local de disseminação à violência, visíveis nos atos e ações comportamentais praticados com e pelos sujeitos que convivem neste ambiente.

É válido distinguir aqui, as formas que esta violência assume. Charlot (2002) nos permite compreender os aspectos ligados à violência na escola, à escola e a violência da escola.

O autor considera que a primeira modalidade é produzida no espaço escolar; a segunda abarca as ações da instituição ou contra ela como o vandalismo, furto, depredações do patrimônio; e por fim a violência da escola está representada por ações simbólicas sofridas pelos jovens por intermédio de agentes do espaço escolar e por professores. Nesse texto, discutiremos a cerca dos desafios que viabilizem o combate das ações violentas no espaço escolar considerando os aspectos supracitados.

Apontamos como iniciativa primordial e necessária de minorar à violência, a construção de redes de diálogos entre os sujeitos que estabelecem ligação direta e indireta com a escola a fim de valorizar e resgatar as identidades dos diferentes atores sociais da realidade escolar dentre os quais citamos: estudantes, professores, direção, supervisão, equipes de apoio pedagógico, funcionários, comunidade escolar e família.

É preciso adotar medidas que contribuam para a expressão das opiniões, críticas e sugestões destes sujeitos com o objetivo de refletir sobre a realidade vivenciada pela e na escola mostrando que postura cada um deve adotar para que os objetivos sejam alcançados. A importância de adotar tal postura mostra que é fundamental que a escola valorize e escute a voz dos seus integrantes e isso reflete positivamente nas relações interpessoais estabelecidas neste ambiente.

Schilling (2010) aponta que o instrumento para a transformação da escola em uma escola não violenta é o trabalho com o conhecimento, a gestão democrática, o trabalho em conjunto escola-bairro. A escola deve identificar parcerias na busca de intervenções diante da multidimensionalidade da violência. É preciso cada vez mais fortalecer o corpo docente e discente para formar alianças, pois é com elas que se criam redes, identificando as forças locais, seus atores e seus potenciais Schilling (2012).

Mudanças na administração, na organização e na estrutura física da escola, tornando-a mais segura e conservada; criação de um ambiente mais amistoso e de cooperação onde prevaleça um clima de entendimento e diálogo entre os alunos, pais professores e diretoria;

estabelecimento de vínculos com a comunidade proporcionando atividades culturais, artísticas, esportivas e de lazer; e iniciativas à participação dos pais e familiares no convívio escolar, são exemplos gerais de medidas que visam o “desarmamento” da violência (ABRAMOVAY, 2003).

Corroborando com esta discussão Silva (2014, p. 157) apresenta diversas soluções para o problema apresentado neste artigo, dentre os quais citamos: a substituição da cultura da culpa pela da responsabilidade, o oferecimento de condições para a conscientização de todos os envolvidos; a democratização das relações escolares; não visualizar o aluno indisciplinado e violento como problema; orientação pedagógica, psicopedagógica e psicológica; conceber e concretizar a educação como fator de desenvolvimento; ter a dignidade do ser humano como parâmetro educativo; articular os conteúdos tradicionais à vida; substituir o uso de punições expiatórias pelas sanções de reciprocidade; abolir qualquer forma de humilhação e; priorizar os valores morais e éticos.

Sugerimos aqui, a construção de um projeto coletivo deixando claro as ações de cada sujeito ou entidade envolvidas, já que nas palavras de Nóvoa (2009) foi-se atribuindo à escola uma série de missões e de conteúdos, que se acumularam de tal maneira, que passou-se a observar uma espécie de constante transbordamento. Este transbordamento resultou numa infinidade de tarefas e missões que no entendimento do autor não é apenas atribuição da escola, e diante disso questiona-se a participação de outras instâncias sociais: as famílias, comunidades locais, associações culturais, entidades laborais, igrejas, museus, organizações científicas, centros de saúde e os espaços artísticos e desportivos.

Considerações Finais

Ao longo do texto discorreremos sobre uma temática atual e pertinente para os desafios hodiernos da escola. Fica evidente em torno da problemática um pseudo discurso que culpabiliza os indivíduos acerca da violência praticada e vivenciada no ambiente escolar. Entretanto, essa discussão nos mostra um contexto influenciado por espaços externo/interno perpassados por uma esfera estrutural marcada pela violência, sendo ela gerada e geradora de comportamentos tidos como “anômicos” a ordem social.

Constatamos aqui que a violência se mostra de tal forma arraigada a história da humanidade que muitas vezes torna-se difícil dissociá-la da mesma. Com suas nuances

imbricadas em todos os âmbitos da sociedade contemporânea. Portanto, uma questão intrapolítica e desafiadora.

Entretanto, essa temática não pode ser vista como um fato isolado, mas como resultado de uma sociedade dividida por classes, sendo umas mais abastadas e outras vítimas da vulnerabilidade social. Onde o indivíduo assume posições e comportamentos a partir da inserção e/ou do seu próprio reconhecimento em determinados grupos sociais.

Portanto, o combate a violência na escola constitui um desafio que se impõe e do qual não se pode escapar quando se pretende contribuir para subsidiar a discussão de questões relativas à realidade da Escola Básica com a finalidade de construir alternativas para a melhoria do ensino público.

Consideramos que o diálogo entre escola e sociedade (como um todo) associado a práticas pedagógicas e sociais inovadoras, são sumariamente o eixo capaz de encontrar estratégias para o combate da violência exacerbada, verificada no ambiente escolar e, dessa forma, delimitar caminhos que permitam ao educando e ao educador cumprirem seus objetivos.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; et alli - **Guangues, galeras, chegados e rappers**. RJ, Ed. Garamond, 1999.

_____, Miriam; RUA, Maria G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

_____, **M. Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2003.

_____, M et al. **Escolas inovadoras: experiências bem sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO, UCB, 2003.

_____, M; RUA, M. das G. **Violências nas Escolas**. Brasília: UNESCO, 2004.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação e da pedagogia** : geral e Brasil. 3. Ed. Ver e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

ASSIS, S. G. et al. Violência e representação social na adolescência no Brasil: In, **Revista Pan-Americana de Saúde Pública**, v.16, n.1, p.43-51, 2004.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: **elementos para uma teoria de sistema de ensino**. Lisboa Veja, s. d. (Universidade, 1) São Paulo, Francisco Alves, 1975.

BRANDETE, A. e ARAÚJO, E. L. **O programa escola da família**: integração escola – comunidade na minimização da violência em meio escolar. An. Sciencult, Paranaíba, V.6, n.1, p.355-368, 2015.

BRASIL. Guia escolar: **métodos usados para a identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes** – uma década de lições aprendidas. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Ministério da Educação, 2004. (Rede de proteção à infância).

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam** essa questão. Porto Alegre, ano 4, nº. 8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>>. Acesso em 03 set. 2017.

GARBARINO J, GUTTMAN E, SEELY JW. **The psychologically Battered child**. São Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1986.

GHIRALDELLI Jr, Paulo; **História da educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006.

MINAYO, MCS, Souza ER. **Violência sob o olhar da saúde**. A infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2003.

_____. A violência na adolescência: **um problema de saúde pública**. **Cad. Saúde Pública** 1990; 6(3):278-87.

NJAINÉ, K.; MINAYO, M. C. S. **Violência na escola**: identificando pistas para a prevenção. *Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v.7, n.13, p.119-134, 2003.

NÓVOA, António. Professores: **Imagens do futuro presente**. Instituto de Educação. Lisboa: Educa, 2009.

OLIVEIRA, Carmem Silveira de. **Sobrevivendo no inferno**. A violência juvenil na contemporaneidade. Porto Alegre: Sulina, 2001. 256 p.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHILLING, Flavia. Indisciplina, violência e o desafio dos direitos humanos nas escolas. In: PALMEIRO, Ana Paula Pacheco; PAULA, Angela Dorcas; CLARO, Fátima Viúdes (Org.). **Enfrentamento à violência na Escola**. Curitiba: SEED, 2010. p. 13-17.

_____. **Direitos, violência, justiça: reflexões**. 2012. Tese (livre-docência) – Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.